

# Volcker adianta modelo de acordo

**Filadélfia** — O presidente do Banco Central dos Estados Unidos — chamado oficialmente junta da Reserva Federal ou Federal Reserve Board (FED) —, Paul Volcker, descartou ontem a possibilidade de uma solução coletiva para os problemas da dívida externa latino-americana e disse que o acordo de melhores condições de pagamento para o México “pode ser um modelo” para esse tipo de negociações.

A acrescentou que o acordo alcançado terça-feira pelos bancos credores para negociar termos mais prolongados para o pagamento da dívida externa mexicana representa “uma mudança construtiva com uma perspectiva a maior prazo dentro do mesmo enfoque básico seguido até agora” na consideração dos problemas das nações devedoras caso por caso.

Volcker, ao falar em entrevista coletiva à imprensa ao término da Conferência Monetária Internacional, explicou que as nações endividadadas “fundamentalmente têm que desenvolver um programa econômico adequado a suas circunstâncias”. Disse que os apelos pelo estabelecimento de um método de capitalização dos juros da dívida feitos “por que não está relacionada diretamente à situação... suscitam alguns problemas. Não vi isso no passado e

não vejo agora (uma referência às propostas de capitalização dos juros). Acho que o problema é manejável e continuará sendo manejável”, embora sugerisse uma “evolução” do enfoque atual.

## MODELO

“Neste momento há o caso de um país, o México, e potencialmente de outros como o Brasil... em que se justifica assumir uma perspectiva a prazo mais longo. Em certo sentido, acho que esta é uma nova fase para os países em particular e, nesse sentido, pode ser um modelo para o futuro”, prosseguiu.

Volcker fez os comentários depois de uma reunião a portas fechadas com os presidentes dos bancos centrais da Inglaterra, Suíça, Japão e Alemanha Ocidental, culminando a última sessão da conferência de três dias assistida por mais de 200 banqueiros e autoridades financeiras de todo o mundo.

Lorde Barber, presidente do Standard Chartered Bank, de Londres, e ex-chanceler do Tesouro Britânico, disse num informe final à imprensa que “houve bastante discussão” sobre o déficit orçamentário dos Estados Unidos, ao qual muitas economias atribuem a manutenção da pressão de alta sobre as taxas de juros.